

A discussão sobre estilo e gênero discursivo na pesquisa em aquisição da escrita

Raquel Salek Fiad*

1 Introdução

Neste texto apresentarei algumas reflexões sobre o estado atual das pesquisas que venho desenvolvendo há mais de uma década, na área de aquisição da linguagem escrita. As reflexões atuais são decorrentes do percurso realizado, que compreendeu algumas questões de ordem teórica e metodológica que explico a seguir.¹

A preocupação inicial das pesquisas centrou-se na discussão da viabilidade de utilizar uma metodologia de caráter indiciário nos estudos da aquisição da linguagem escrita. Em decorrência da opção metodológica por uma investigação de cunho eminentemente qualitativo, nosso trabalho esteve sempre voltado para a identificação de eventos singulares de escrita que pudessem ser tomados como marcas, como indícios da complexa relação entre o sujeito e a linguagem. O paradigma indiciário de investigação, que privilegia as experiências inferenciais abduativas e que é fundado no detalhe, no indício, no aparentemente residual, forneceu-nos o quadro ideal para o desenvolvimento de trabalhos a partir dos quais começamos a identificar os contornos de micro-histórias de aquisição da escrita.

* Unicamp/CNPq, fiad@iel.unicamp.br

¹ Minha pesquisa individual vem sendo desenvolvida no interior de um Grupo de Pesquisa integrado pelas colegas Maria Bernadete Marques Abaurre (cf. Abaurre 2003) e Maria Laura T. Mayrink-Sabinson (cf. Mayrink-Sabinson 2000, 2002 e 2003). As reflexões do grupo encontram-se presentes nos trabalhos individuais e coletivos como os citados nas referências bibliográficas ao final deste texto.

Foi justamente pelo fato de trabalharmos com base em um paradigma que nos forçava a olhar para o individual, para as escritas idiossincráticas, para as mais diferentes instâncias de manifestação de marcas de subjetividade e por adotarmos uma concepção sócio-histórica de linguagem, que passamos a discutir a *questão da emergência do estilo* ao longo de histórias individuais de aquisição da escrita. Para podermos trabalhar com o conceito de estilo, recorremos a uma concepção de estilo compatível com a concepção de linguagem adotada e que possibilitasse refletir sobre a sua emergência durante o processo de aquisição da escrita. Encontramos essa concepção em Possenti (1988) que, inspirado em Granger (1968), toma o estilo enquanto *escolha* e enquanto *marca de trabalho do sujeito na linguagem*. Essa concepção é retomada por Possenti em trabalho mais recente (2001), quando defende que a categoria “estilo” deva ser repensada e argumenta que pode ser entendida como “um certo modo de organizar uma seqüência (de qualquer extensão), focando-se como fundamental a relação entre essa organização e um determinado efeito de sentido” (p. 16). Enfatiza a relação entre estilo e escolha – que já havia defendido em 1988 – desta vez colocando-a “no interior de uma concepção de língua, de enunciado e de gênero, tais como desenhadas, digamos, pelo menos à moda bakhtiniana” (p. 16). Deixando mais claro o que entende por escolha, mais adiante em seu texto o autor afirma que “pode ser entendida, alternativamente, como efeito de uma multiplicidade de alternativas – decorrente de concepções de língua como objetos heterogêneos – diante das quais escolher não é um ato de liberdade, mas o efeito de uma inscrição (seja genérica, seja social, seja discursiva)” (p. 16-17).

Fica explicitada, então, a necessidade de se entender *escolha* junto a uma teoria bakhtiniana de gênero discursivo, o que exclui qualquer possibilidade de se pensar o estilo como desvinculado do gênero em que o sujeito se manifesta.

2 A relação entre estilo e gênero discursivo

A discussão sobre a *relação entre o estilo individual e os gêneros discursivos* foi decorrente das análises sobre emergência de estilos individuais e das reflexões que foram se aprofundando a partir das leituras e releituras de Bakhtin. A afirmação desse autor de que “[...] nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual” (Bakhtin, 1992 [1952-1953], p. 283) provocou a busca, em outros gêneros, por marcas estilísticas já

depreendidas em alguns gêneros. Por outro lado, buscamos detectar outras possíveis tendências estilísticas presentes em gêneros não analisados anteriormente.

Tomamos como pressuposto que os próprios gêneros com os quais os sujeitos entram em contato em vários contextos ao longo do seu processo de aquisição da escrita constituem lugares de manifestação estilística dos autores dos textos. É no interior dos gêneros e em vínculo estreito com seus estilos próprios, que buscamos as marcas da emergência dos estilos individuais.

A teoria em que nos apoiamos para fazer a reflexão sobre gêneros é a de Bakhtin (1992), que defende a idéia de que sempre que utilizamos a linguagem o fazemos através de gêneros do discurso. Ao discutir as relações entre os enunciados e os gêneros do discurso, Bakhtin salienta, de um lado, a individualidade do enunciado (visto como o lugar onde a língua se realiza) e, por outro, a variedade dos gêneros do discurso, que se relacionam às diferentes esferas das atividades humanas. O estilo está ligado ao enunciado e aos gêneros do discurso pois, por um lado, o enunciado é individual, isto é, possui um estilo individual, mas, por outro, nem todos os gêneros do discurso favorecem essa manifestação do individual nos enunciados. O estilo, entendido como a seleção dos recursos lingüísticos feita a partir das possibilidades oferecidas pela língua, não pode, portanto, ser estudado independentemente do gênero do discurso. Finalmente, tanto a escolha dos gêneros como a escolha do estilo do enunciado (ou seja, dos recursos lingüísticos) são decorrência da assunção de que cada enunciado tem autor e destinatário.

Segundo Bakhtin,

o querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado (p. 301).

Para discutir a relação estilo individual e estilo de gênero, apresento alguns resultados das análises comparativas já realizadas (Fiad, 2003) sobre escritas de dois sujeitos com o objetivo de mostrar que LM e de ML, visando produzir determinados efeitos de sentido (humor em um caso e ironia/preocupação social em

outro) privilegiam determinados gêneros discursivos tendo em vista possibilidades neles presentes.²

Defendo que as tendências estilísticas presentes nas escritas dos dois sujeitos se manifestam preferencialmente em alguns gêneros discursivos que seriam, de uma certa maneira, mais propícios ao *querer-dizer* de cada escrevente. Esses, por outro lado, são gêneros com os quais as escreventes adquirem uma maior familiaridade durante seu processo de aquisição de escrita e, conseqüentemente, são mais explorados quanto aos seus recursos expressivos.

No caso da escrita de LM, as análises apontam que, desde seus textos iniciais, há a construção de um efeito de humor, resultante da exploração de certas estratégias, manifestadas na escrita de alguns gêneros discursivos: poesias, relatos do cotidiano e narrativas de ficção. Os gêneros explorados por LM podem ser considerados como propícios às manifestações do estilo individual. Continuando o percurso de LM, pode-se observar que, em sua produção escrita do ensino médio são encontrados gêneros diversos, como contos curtos, histórias policiais, crônicas, diários fictícios, cartas, ensaios argumentativos, editoriais, discurso de político. Alguns desses gêneros são marcados, em sua textualidade (ou estrutura composicional, segundo Bakhtin), pela narratividade. A tendência de construir textos bem humorados e engraçados permanece principalmente nesses últimos (contos, diários, cartas informais).

No entanto, é possível encontrar algumas escritas de LM em que ela parece deixar “escapar” o humor em gêneros onde essa característica pode ser considerada, no mínimo, inesperada. É o que ocorre em alguns textos produzidos para a disciplina “Estudos Sociais” – gênero informativo – que revelam, principalmente através de algumas escolhas lexicais, a mesma tendência estilística presente nos gêneros já mencionados. Como exemplo dessas escritas, citamos algumas produções da 4ª série do ensino fundamental:³

1. *Quando chegavam na fazenda [os imigrantes] eram levados até sua casa (velha caindo aos pedacos).*

² As escritas de dois sujeitos (ML e LM) foram coletadas longitudinalmente e formam dois *corpora* que vêm sendo analisados por Abaurre e Mayrink-Sabinson, visando discutir a emergência de estilos individuais.

³ Esclareço que todos os exemplos colocados neste projeto foram transcritos como nos originais.

2. *(Quando) saia o pagamento saia muito pouco, porque o fazendeiro fazia umas continhas errada aqui ali, aí o pagamento saia bem pouco, e de tanta raiva o imigrante ate matava o fazendeiro.*

3. *O tratado de Tordesilhas foi uma divisão que o papa fez entre a Espanha e Portugal, dividiram o Brasil com uma linha imaginaria, mas Portugal foi empurrando a Espanha e a Espanha só ficou com um tiquinho do Brasil. (oeste da Espanha e leste de Portugal)*

As escritas de ML, por sua vez, revelam, desde cedo, o trabalho para produzir *nonsense*, seguido da exploração da ironia. Essa ironia, em suas escritas posteriores, vai se manifestar especialmente em temas que privilegiem uma temática político-social. Os gêneros em que esse trabalho estilístico é preferencialmente desenvolvido por ML são: relatos, narrativas, poemas (ou embriões) e embriões de textos expositivos, cartas, panfletos, histórias em quadros e textos dissertativos.

A exploração do *nonsense*, particularmente, se dá através de gêneros que permitem a manifestação da individualidade justamente por serem mais flexíveis. Quanto à ironia, quando começa a ser explorada nos textos de ML em relação à temática político-social, manifesta-se preferencialmente em gêneros que propiciam a construção de argumentos e a defesa mais explícita de um ponto de vista.

A preferência por um gênero não deve ser entendida como um abandono de outros gêneros onde a manifestação do estilo individual também pode ser observada. Mesmo em um momento de sua história de escrita em que ML já vem trabalhando gêneros que privilegiam a argumentação explícita – o que favorece a pretendida discussão de temáticas sociais – é possível verificar a retomada de um gênero mais freqüente no início de sua escolarização, onde há a exploração do efeito de *nonsense*. Isso pode ser observado em narrativas produzidas na 7ª série, nas quais fica clara a preocupação com uma crítica a questões sociais.

Pode-se dizer que, ao explorar esse viés em um gênero constituído basicamente por uma estrutura textual do tipo narração, a escrevente constrói também uma argumentação, desta vez mais sutil, sem a explicitude de argumentos que necessariamente está presente em textos do gênero dissertativo. Estes, por sua vez, passam a ser cada vez mais freqüentes na escrita de ML, o que pode ser explicado não só pela escolarização – que privilegia esse gênero nas séries mais avançadas – mas também por sua preferência pela temática social, o que se manifesta ainda em sua escolha pelo curso universitário de História.

A análise dos dois percursos de escrita mostra a tendência estilística presente nos textos de cada sujeito, sendo que uma das facetas dos estilos individuais aqui delineados caracteriza-se pela escolha do gênero do discurso que possibilita a realização do *querer-dizer* de cada um. É possível afirmar que cada escrevente vai, no decorrer de suas escritas, manifestando preferência por alguns gêneros, que serão aqueles mais propícios à realização de seus intuídos discursivos, tendo em vista a flexibilidade ou maleabilidade dos gêneros. O contato com esses gêneros – que passam a ser os mais frequentes nas escritas desses sujeitos – vai sendo mais intenso e a exploração dos recursos lingüísticos próprios de cada gênero vai sendo maior e, provavelmente, mais consciente na sua história de escrita. Embora essa exploração dos recursos ainda mereça ser analisada mais cuidadosamente, é possível perceber que o mesmo gênero vai sendo mais trabalhado conforme a maturidade dos escreventes.

Também fica claro que a preferência por um gênero vai se constituindo durante um período da história de escrita, ou seja, é uma escolha resultante de experiências de escritas e de leituras vividas pelo sujeito.

Ao lado dessas preferências, é possível perceber a manifestação do estilo individual em outros gêneros que não seriam os mais propícios para essa manifestação devido às suas características ou, segundo Bakhtin, devido aos estilos que lhe são próprios. Essas aparentes contradições servem para confirmar o caráter maleável e flexível dos gêneros, mesmo daqueles que podem ser considerados menos flexíveis. Mostram também a flexibilidade dos estilos individuais nas escolhas dos gêneros, já que não há uma escolha fixa e imutável, mas um trabalho constante de novas buscas por parte dos sujeitos, em suas escritas.

3 Outras questões

Além das análises individuais dos dois *corpora* longitudinais já terem demonstrado que o estilo é transgênérico, a *análise comparativa* dos dois *corpora* mostrou-se muito produtiva, pois permitiu observar sujeitos trabalhando gêneros diferentes, com tendências estilísticas diferentes neles manifestadas, em diferentes momentos de seus processos de aquisição da escrita.

Tendo já conseguido depreender marcas estilísticas que se estendem através de alguns gêneros discursivos, e tendo também depreendido que os gêneros preferencialmente utilizados pelos sujeitos parecem ser os mais propícios para a manifestação das

suas tendências estilísticas, apresento, a seguir, algumas questões que estão sendo perseguidas no momento.

(a) Refletir sobre a relação entre estilo individual e escolha do gênero discursivo, especialmente levando em conta as características do gênero quanto à sua flexibilidade e a atitude dos sujeitos escreventes ao se “encaixarem” em gêneros propícios à individualidade ou ao romperem com as características estilísticas dos gêneros. Em outras palavras: é possível admitir, em dados de aquisição da escrita, que o estilo individual possa sobrepor-se ao estilo do gênero? Essa reflexão tem, como ponto de partida, algumas afirmações de Bakhtin (1992 [1952-53]) sobre gênero e estilo individual. Os trechos abaixo exemplificam os pontos de vista do autor sobre essas questões:

O estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. O enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do entendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes – [...] As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. Nesses gêneros só podem refletir-se os aspectos superficiais, quase biológicos, da individualidade (e principalmente na realização oral de enunciados pertencentes a esse tipo padronizado). Na maioria dos gêneros do discurso (com exceção dos gêneros artístico-literários), o estilo individual não entra na intenção do enunciado, não serve exclusivamente às suas finalidades, sendo, por assim dizer, seu epifenômeno, seu produto complementar. [...]. O problema de saber o que na língua cabe respectivamente ao uso corrente e ao indivíduo é justamente problema do enunciado (apenas no enunciado a língua comum se encarna numa forma individual). A definição de um estilo em geral e de um estilo individual em particular requer um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso (p. 283).

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuí-

mos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). [...] Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisa de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. A comunicação verbal na vida cotidiana não deixa de dispor de gêneros criativos. Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática (p. 301).

Ao lado dos gêneros padronizados, existiram, e continuam a existir, claro, gêneros mais livres e mais criativos da comunicação verbal oral: os gêneros das reuniões sociais, da intimidade amigável, da intimidade familiar, etc. (Até agora, nenhuma nomenclatura dos gêneros do discurso oral foi criada e mesmo o princípio dessa nomenclatura não é claro.) A maior parte desses gêneros se presta a uma reestruturação criativa (de um modo semelhante aos gêneros literários e, alguns deles, num grau ainda mais acentuado), mas um uso criativo livre não significa ainda a rejeição de um gênero: para usá-los livremente, é preciso um bom domínio dos gêneros (p. 303).

Essa reflexão adquire relevância especial por estar sendo discutida com base em dados de aquisição da escrita, que são considerados manifestações escritas de sujeitos ainda sendo escolarizados, sofrendo as coerções e imposições de um ensino de escrita bastante normativo.

Alguns dados do *corpus* de LM provocam alguma reflexão: em textos escolares, de outras disciplinas que não sejam Língua Portuguesa, encontram-se manifestações de marcas (sintáticas, lexicais, dentre outras) de informalidade. Em princípio, esses textos – manifestação de gêneros tipicamente escolares, como explicações, resumos, respostas a perguntas do professor – não seriam o lugar de exploração de um estilo informal. Vejamos alguns exemplos que ilustram estas considerações.

1. Texto para a disciplina Geografia

O texto é uma sátira do mundo político. Na política atual é mais ou menos assim. Outro dia mesmo nosso presidente criticou o salário dos nossos professores mas não fez nada a respeito.

Os políticos só sabem olhar de longe e criticarem mas na hora de pensarem em soluções bate aquela preguiça e acabam arquivando.

Um exemplo claro disso é o da reforma agrária. Des do começo do ano que isto está parado e ninguém toma providências.

Esses mesmos políticos que robam pra caramba que vão ser roubados futuramente pelos ladrões de que não quiseram cuidar.

Essa tendência à informalidade parece se fortalecer durante as séries do ensino médio. Observe o exemplo, da primeira série do ensino médio, retirado de uma avaliação de Filosofia:

2. Analize os seguintes provérbios, verificando em que sentido os mesmos podem ter um caráter ideológico:

“Cada macaco no seu galho”.

Resposta

“Cada macaco no seu galho” é um provérbio que faz com que as diferentes raças e pessoas de outras culturas não se misturem uma com a outra, frequentando os mesmos lugares, é uma maneira de dizer “aqui não é o seu lugar” “vai procurar sua turma”.

(b) Fazer um aprofundamento dos conceitos teóricos de estilo e de autoria em relação aos dados de aquisição da escrita.

Conforme apresentei acima, o conceito de estilo que adotamos foge totalmente ao que os estudos tradicionais sobre estilo dizem (concepções romântica ou psicologizante, por exemplo). O conceito adotado tem sido bastante produtivo para a análise dos dados de aquisição da escrita. Aliás, com outra concepção, não seria possível falar de estilo em aquisição da escrita. Nossas pesquisas têm-nos permitido afirmar hoje, com uma certa segurança, que há estilo durante a aquisição da escrita.

O conceito de estilo desenvolvido por Possenti já em 1988 (que foi por nós utilizado nestes últimos anos), é retomado em trabalho mais recente (2001), no qual o pesquisador enfatiza a relação entre estilo e escolha, explicitando que escolha “pode ser entendida, alternativamente, como efeito de uma multiplicidade de alternativas – decorrente de concepções de língua como objetos heterogêneos – diante das quais escolher não é um ato de liberdade, mas o efeito de uma inscrição (seja genérica, seja social, seja discursiva)” (p. 16-17). No entanto, admitir essa concepção de estilo remete à concepção de autoria, se for também concebida fora das conotações românticas que remetem ao conceito de autor de uma obra. Não é possível ignorar a discussão que existe em torno do conceito de autoria, que é retomada por Possenti (2001, 2002), ao propor também um deslocamento desse conceito em uma perspectiva apresentada pela Análise do Discurso. Nesse mesmo texto, Possenti apresenta exemplo de redações de alunos – cujo desempenho na escrita é questionado por alguns especialistas de educação – e, em sua análise, afirma que

Trata-se de narrativas vivas, da “veiculação” de fatos quotidianamente vividos, em relação aos quais se podem verificar, nas redações, discursos de avaliação: são tematizadas questões como disciplina, autoridade, violência, e praticamente nos mesmos termos, por exemplo, do discurso da mídia e das diversas autoridades ou de pais e professores. Que nestes textos existe autoria é mais do que evidente, se se utilizam instrumentos adequados para ver. Os textos transcritos não são textos “escolares” do tipo “A escola é bonita. A escola é amarela”, ou mesmo lugares comuns, até pertinentes, digase, como “violência gera violência”. As narrativas têm valor equivalente ao das reportagens, no mínimo (p. 20).

Por outro lado, a existência de estilo é questionada por esse mesmo autor:

A questão da existência de traços de estilo talvez seja a menos óbvia a não ser que se observe – o que não é do todo equivocadamente – a especial “mistura” de oralidade e escrita, ou os indícios evidentes de um processo de aquisição desta tecnologia (p. 20).

O uso dos dois conceitos e a sua aplicabilidade merecem ser ainda pensados e, no caso deste projeto, especialmente em relação a textos de aquisição da escrita. Uma das noções apresentadas por Possenti (2002) para caracterizar a autoria seria a singularidade, que tem sido por nós – em nossos trabalhos com dados de aquisição da escrita – aproximada à noção de estilo.

No entanto, em suas análises, Possenti não menciona a relação entre autoria, estilo e gêneros do discurso. Como a relação entre estilo e gêneros discursivos tem sido enfatizada em nossas pesquisas, continuo propondo que mesmo a noção de autoria – que precisa ser clareada em relação a estilo – também seja discutida junto ao conceito de gênero discursivo.

(c) Discutir a relação entre marcas estilísticas e gêneros do discurso em sua manifestação durante um período longo do projeto de aquisição da escrita. Como os *corpora* que são tomados como dados são longitudinais, envolvendo textos produzidos desde a pré-escola até o final do ensino médio, é possível observar a mudança de marcas estilísticas durante esse período, assim como a relação destas com os diferentes gêneros que vão sendo produzidos a cada ano, principalmente em situações escolares (e como decorrência dos currículos escolares) mas não exclusivamente. O objetivo aqui é observar as mudanças ocorridas nas marcas estilísticas e relacioná-las com os gêneros em que ocorrem, questionando a interferên-

cia de um em outro. Para esclarecer essa questão, resumo algumas observações já feitas a partir de um dos dois *corpora*:

Nos textos de LM, pode-se observar um percurso estilístico que vai do humor, passando pela ironia (principalmente em temas de crítica social), chegando à informalidade. Apresento três exemplos que ilustram essas características estilísticas que não podem ser consideradas iguais mas também não podem ser vistas como completamente independentes uma da outra. Um aspecto a ser discutido é como essas mudanças se dão em relação aos gêneros explorados.

3. Fest junina caipira

Um dia num mes numa Escola foi feita uma feita uma festa junina. Nela tinha muimitas, caizas porezemplo!..

Quadrilhas, comida, bebida, brincadeiras e muitas pessoas.

As noivas da 1ª. e as 3ª. são Bemta e Benedita.

Bemta fala com Benedita:

– Pena que nosa mãe deu um nome tam feio ne?

– E sim.

Procino capitulo

Que ruim

4. Acompanhe em casa, a leitura do relatório final da CPI. Converse com alguém da sua família sobre o assunto e depois escreva um manifesto de protesto sobre o que está acontecendo.

Poezia de protesto

O corrupto veio da
Corupção, ou a corrupção
veio do corrupto eis a
questão. No final
cheguei a conclusão
nem o corrupto veio
da corrupção e nem
a corrupção veio do
corrupto os dois
mascrão juntos, do
corrupto mais corrupto
o Collor

5. Comece a registrar nesta folha o que você já sabe sobre os imigrantes

A chegada

Quando chegavam na fazenda eram levados até sua casa (veja caindo aos pedacos).

Lá acomodavam-se e ficavam esperando dar trabalho.

O pagamento

(Quando) saia o pagamento saia muito pouco, porque o fazendeiro fazia umas continhas errada aqui ali, ai o pagamento saia bem pouco, e de tanta raiva o imigrante ate matava o fazendeiro.

(d) Finalmente, investigar a posição da escola em relação à manifestação do estilo nos textos dos alunos. Mais especificamente, tentar entender qual a representação de estilo que pode ser depreendida do trabalho feito pela escola. Como os dois *corpora* são compostos de textos produzidos em situações escolares e também em situações não-escolares, é possível buscar, nos dados, alguns indícios das representações sobre estilo que a escola tem. Esses indícios podem ser buscados em exemplos como os seguintes, retirados do *corpus* de LM:

6. Hoje, na roda, você ouviu muitas notícias: lidas dos jornais, das revistas e até do rádio. Nas notícias escritas, as manchetes ajudam a saber do que se trata o assunto. Leia a manchete abaixo e faça a notícia que ela anuncia.

FERA À SOLTA

Galinha boa de briga deixa exército do país em guerra
Galinha deixa o dono e foge
Hoje de manhã uma galinha boa de briga fugiu da rua das Galinhas no. 9. O exército foi chamado para ajudar na captura da galinha fujona.

7. Texto de Criação Coletiva (produzido a partir de uma conversa em sala de aula)

O narigudo

O narigudo cheira muito. Ele cheira as flores, dá um suspiro e cai pra trás.

Rasga as calças, cai na lama e engole terra.

Assim que o narigudo chega em casa, ele conserta a calça com fita crepe.

A fita crepe rasga e ele pega a ferramenta e põe um parafuso na calça. Quando ele vai vestir a calça, o parafuso faz um furo bem na "Caixa Econômica Federal".

Glossário: "Caixa Econômica Federal" (para substituir a palavra "bunda", censurada pelo grupo que não quis usar "poupança", nem outro).

4 Alguma conclusão

As análises efetuadas até o momento permitem que eu faça algumas afirmações mas que ainda tenha algumas dúvidas. É possível afirmar que a emergência do estilo pode ser observada em dados de aquisição da escrita, desde que se assumam uma concepção de estilo como resultante do trabalho que todos os indivíduos podem realizar com a linguagem, principalmente em sua modalidade escrita. Mais ainda, a emergência do estilo se dá em gêneros discursivos mais aptos para a manifestação de determinada tendência estilística, o que mostra uma relação grande entre o estilo do gênero e o estilo individual. Ainda reforçando essa relação entre estilo do gênero e estilo individual, é possível também observar, nos dados, que o estilo individual muitas vezes sobrepõe-se ao estilo do gênero, rompendo-o, inovando-o. A manifestação do estilo individual em diferentes gêneros discursivos deve ser associada à reflexão sobre estilos dos gêneros, já que nem todos os gêneros são igualmente explorados pelos sujeitos-escreventes, seja pelas possibilidades do estilo do gênero, seja pelo conhecimento que os sujeitos, em fase de aquisição da escrita, têm sobre as possibilidades a serem exploradas.

Por outro lado, ainda não é possível afirmar a presença da autoria em dados de aquisição da escrita. Certamente a busca será por indícios de autoria, por algumas marcas que permitam perceber a singularidade através das escritas. A distinção entre estilo e autoria também ainda deve merecer mais análises, de modo que nenhum dos dois conceitos fique banalizado. Acredito que os dados de aquisição da linguagem escrita podem contribuir para um refinamento desses conceitos, em um quadro teórico e metodológico de que hoje dispomos e que foi sendo amadurecido nesse percurso de pesquisas em aquisição da escrita.

Referências

ABAURRE, M. B. M.. A emergência do estilo: o percurso de construção da ironia. *Actas-I do VIII Simposio Internacional de Comunicacion Social*. Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada/Ministerio de Ciencia, Tecnología y Medio Ambiente, 2003.

—; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de Aquisição da Escrita*. O sujeito e o trabalho com o texto. Campinas, SP: ALB/Editora Mercado de Letras, 1997.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1952-1953].

FIAD, R.S. Diferentes estilos no exercício de diferentes gêneros do discurso. *Actas-I do VIII Simposio Internacional de Comunicacion Social*. Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada/Ministerio de Ciencia, Tecnología y Medio Ambiente, 2003.

GRANGER, G. G. *Filosofia do Estilo*. São Paulo: Perspectiva/ USP, 1968.

MAYRINK-SABINSON, M. L. T. Fazendo humor no texto: a emergência do estilo a partir da análise de um corpus longitudinal em aquisição da escrita. *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (36), Campinas, Unicamp, 2000.

———. *A emergência do estilo: construindo o humor no texto*. Inédito, 2002.

———. Considerações sobre a emergência de um estilo individual: construindo o humor no texto. Em: *Actas-I do VIII Simposio Internacional de Comunicacion Social*. Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada/Ministerio de Ciencia, Tecnología y Medio Ambiente, 2003.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

———. Enunciação, autoria e estilo. *Revista da FAEEBA*, 15. Salvador, BA, 2001.

———. Indícios de autoria. *Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação*, 20 (1) (expressão da língua portuguesa e seu ensino). Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2002.